

# Carne e dendê: um estudo sobre o animal nas religiões de matriz africana e sua relação com o vegetarianismo/veganismo no Brasil.<sup>1</sup>

Juliana Aparecida Zani Nasser<sup>2</sup>

## Resumo

Esta pesquisa aborda a importância da sacralização dos animais e do uso de carne/sangue animal em três espaços religiosos africanos no Brasil (um de Umbanda Traçada, um de Umbanda Sagrada e um de Candomblé da nação Ketu) localizados na cidade de São José do Rio Pardo, interior do estado de São Paulo. O estudo tem como objetivo investigar se existem alternativas de prática dessas religiões, abstendo-se do uso de animais e do consumo de carne em espaços religiosos, inventariando as possíveis adaptações e significados por trás do uso de carne e animais, para entender como a carne/ o sangue/sacralização pode ser substituído ou ter outros rituais adaptados para reunir fiéis que não comem carne ou que não aceitam sacrifício de animais. O objetivo foi encontrar diferenças e semelhanças, através de pesquisa etnográfica, entre linhagens e fundações no que diz respeito à sacralização dos animais, ao consumo de carne e à sua adaptação, mesmo tendo em conta as atuais controvérsias em torno do uso/exploração de animais e do consumo de carne, juntamente com o debate sobre as novas sensibilidades que cercam o animal.

Palavras-chave: religiões de matriz africana – animais – sacralização – carne – sangue.

## 1. Introdução

Nas religiões de matriz africana no Brasil, o sacrifício animal e o consumo de carne têm papel fundamental e são muito presentes, partindo de um complexo edifício cosmológico no qual, na maioria das vezes, é por meio da *sacralização* - Termo que traz o verdadeiro sentido aos atos realizados nos ritos de matriz africana, que têm a responsabilidade de respeitar e reconhecer um ser como divino (Corrêa; Oliveira, 2021, p.126)- e do alimento cárneo que se obtém o *axé*<sup>3</sup>- designado em nagô, como a força invisível, a força magico-sagrada de toda divindade de todo ser animado, de todas as coisas” (Bastide, 1961, p.84). É através de espécies de animais específicas (como galos, galinhas, bodes, frangos), que são carregados com energia dos espíritos (axé), que se dará um processo em que o animal irá passar por etapas e rituais com fundamentos cosmológicos, para afinal servir de comida para o Orixá, entidades e para os fiéis/adeptos nos cultos: come-se para transmitir o *axé* às entidades às quais se reza – Orixás e espíritos ancestrais (Azevedo, 2015). Nesse sentido, pode-se dizer

<sup>1</sup> Artigo apresentado no X Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e IX Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares, na modalidade online, 2024.

<sup>2</sup> Graduanda em ciências sociais; faculdade federal de São Carlos - UFSCar; São Carlos, São Paulo, Brasil; [jnasser@estudante.ufscar.br](mailto:jnasser@estudante.ufscar.br).

<sup>3</sup> É sabido que axé “designa em nagô a força invisível, a força magico-sagrada de toda divindade de todo ser animado, de todas as coisas” (Bastide, 1961, p.84).

que a *sacralização* (usualmente denominada de “sacrifício”) de animais é uma prática comum na ritualística dos terreiros de matriz africana no Brasil (Junior, 2020, p.11).

O objetivo geral deste estudo é compreender a simbologia do animal e da carne, bem como suas possíveis adaptações no contexto das religiões de matriz africana no Brasil, para pessoas vegetarianas/veganos ou pessoas que não querem passar pela *sacralização*, que desejam adentrar nessas religiões e frequentar os terreiros. Também pretende abordar a posição das religiões de matriz africana que praticam a *sacralização* e o consumo de carne, mas que vêm se adaptando atualmente para acolher pessoas que não comem carne ou pessoas que escolhem não passar pelos rituais que envolvem *sacralização* de animais, buscando formas de substituir a carne e os rituais que se utilizam de animais. Parto do princípio de que não seria apostar na simples substituição do fundamento religioso do uso da carne na religião em sua totalidade, mas sim de buscar entender as adaptações que vêm sendo feitas para aqueles e aquelas que têm o intuito de adentrar nos terreiros como fiéis vegetarianos/veganos em busca de acolhimento, e em como esses mesmos terreiros os acolhem. Sendo assim, não se trata de mudar a tradição e o fundamento, mas sim de entender a forma como essas casas buscam adaptar seus métodos para abraçar essas pessoas e as novas sensibilidades e movimentos relativos aos animais do mundo atual.

A lógica dessas adaptações na *sacralização* animal e no consumo da carne por outras práticas e outros alimentos será abordada a partir da investigação de uma lógica classificatória (Douglas, 1976), que buscará evidenciar quais os conteúdos simbólicos que orientam as possibilidades de reflexão e de troca – ou seja: o que pode adaptar-se o que? – nos terreiros que têm permitido acolher cada vez mais fiéis vegetarianos e/ou veganos. Logo, a relação humano-animal a se considerar nesta prática religiosa não é apenas “dar voz, agência ou subjetividade ao não-humano, mas para nos forçar a repensar radicalmente estas categorias da nossa análise tal como pertencem a todos os seres” (Kirksey; Helmreich, 2014, p.563) – ou seja, trata-se de pensar os efeitos que as novas considerações sobre os animais têm tanto na simbologia desses seres e nas práticas associadas a eles nas religiões de matriz africana, quanto nos modos como as relações com eles se desdobram no mundo contemporâneo.

Para esta análise, além do material bibliográfico, utilizei do estudo etnográfico em três terreiros que se localizam na cidade de São José do Rio Pardo, no interior paulista, onde consegui mapear pelo menos 10 terreiros de religiões de matriz africana. Dentre eles, escolhi

trabalhar com três, tendo como critério de escolha optar por três que compõem vertentes diferentes, sendo elas o candomblé, a umbanda traçada e a umbanda sagrada.

O primeiro é o terreiro “Ilê Alaketu Asé Osun Ominwura”, de candomblé da nação Ketu. O segundo terreiro, denominado como “Tenda caboclo sete flechas”, segue a linha da umbanda traçada, religião na qual se verificam influências de outras práticas religiosas, sendo elas a umbanda (linhas de caboclos, pretos velhos e eres), a quimbanda (linhas de pombagiras e exus) e o candomblé (linha de Orixás). E, por último, conhecido como “Templo de umbanda XV de novembro”, segue a linha de umbanda sagrada, fundada por Rubens Saraceni no Rio de Janeiro no início da década de 90, seguindo também os passos e os ensinamentos de Zélio Fernandino de Moraes, e que busca tanto os fundamentos do candomblé como também os fundamentos do espiritismo kardecista.

Foram realizadas dez visitas no total, sendo três no terreiro XV de novembro, três no Ilê Alaketu Asé Osun Ominwura e quatro no terreiro Tenda caboclo sete flechas. Em todos fui recebida de forma muito acolhedora, sendo convidada para participar das festas e giras (cultos), e durante as visitas nos terreiros, participei de giras e fui atendida pelas entidades da casa; ademais, durante todo o processo todas as minhas perguntas foram respondidas de forma clara e respeitosa. A etnografia foi realizada durante os meses de setembro de 2023 e março e abril de 2024, também ocorrendo algumas entrevistas de forma online em alguns outros momentos. Foram entrevistadas mais de dez pessoas, entre elas os pais e mães de santo, médiuns e frequentadores das casas de forma presencial e online.

A partir desta etnografia, os dados obtidos trouxeram contribuições de estudos antropológicos sobre relações entre humanos e animais (Vander Velden et al., 2019), além de oferecer uma análise da ritualística da *sacralização* animal, da carne e do sangue nas religiões afro-brasileiras, campo ainda relativamente pouco explorado. Tendo em vista a constatação de que a espécie animal e sua carne, tem uma história, além de assumirem diferentes significados em distintos contextos, este projeto almeja a análise da forma como as religiões de matriz africana estão em busca de adaptações ao uso da carne por conta de novas sensibilidades e subjetividades que penetram os terreiros atuais; a partir disso será discutida como funciona esta forma de adaptação, pois se, na própria carne, existem tantas simbologias, é certo que também há simbologias na sua adaptação.

## 2. Metodologia.

O método adotado por esta investigação é a pesquisa de campo etnográfica nos terreiros de umbanda sagrada, umbanda traçada e de candomblé em São José do Rio Pardo, interior de São Paulo. Para tanto, foram priorizadas as técnicas de pesquisa qualitativa de campo, que se compõem de entrevistas etnográficas com os pais e mães de santos (incluindo filhos de santos e frequentadores) e da observação e participação das práticas religiosas, junto da captura de materiais visuais e conversas com pessoas que praticam a religião tanto no contexto dos cultos como fora deles. Junto a isso, em paralelo foi estudado um grande acervo bibliográfico pertinente sobre práticas culturais das três vertentes dessas religiões de matriz africana, como também sobre as novas sensibilidades que proliferam em torno do animal na atualidade. Além disso, também houve a consulta em sites e redes sociais relacionados aos movimentos veganos/vegetarianos e de religiões de matriz africana no geral.

## 3. Resultados e discussão

A *sacralização* ou o sacrifício de animais e o uso da carne nos terreiros das religiões de matriz africana no Brasil são práticas ancestrais que carregam grande significado simbólico, com fundamentos milenares e mágicos (Robert, 2008, p.2). O conhecimento e a técnica do sacrifício são passados dos mais velhos para os mais novos, seguindo uma hierarquia religiosa, começando pelos pais e mães de santos ou *babalorixás* e *Ialorixás*, que passam para os filhos pequenos, trazendo um conjunto de saberes e práticas culturais relacionadas às culturas de diversas regiões da África (Bastide, 1971). O Candomblé e a Umbanda são religiões com heranças culturais e religiosas trazidas pelos africanos escravizados, fundadas aqui no Brasil, sendo reformulada para se adaptar e adequar as novas condições ambientais e sociais (Barros, 2009). Os cultos africanos que chegaram ao Brasil tinham em comum o uso de comida em seus rituais na forma de oferendas e sacrifícios – e o Candomblé manteve esse costume (Spada; Santo; Schwabe, 2020) –, que se solidificaram a partir de uma combinação das diversas práticas trazidas por essas pessoas escravizadas desde o século XVI e de práticas desenvolvidas no Brasil. Essa diversidade compunha-se em maior ou menor grau de elementos cosmológicos de origens indígenas, católicas e espíritas, produzindo uma grande heterogeneidade e uma relação de “diferenças entre diferenças” (Goldman, 2015). Esse processo produziu variedade; portanto, é necessário compreender que essas expressões religiosas no Brasil se constituem de diversas diferenças de suas matrizes africanas.

O sacrifício religioso no Brasil, hoje em dia se utiliza apenas de animais domesticados criados em cativeiro para este fim (Robert, 2008, p.3), como galos, galinhas, bodes, cabras, carneiros e frangos, não sendo permitido o sacrifício de gatos e cachorros ou quaisquer animais domésticos de companhia. Os animais relacionados ao sacrifício, além de não serem espécies silvestres ou ameaçadas de extinção, são ainda utilizados para consumo, de acordo com o que é permitido pelo ordenamento jurídico brasileiro (Leite, 2013, p. 171).

O abate de animais é uma prática corriqueira nas religiões de matriz africana, à exceção de algumas denominações conhecidas como (Umbanda) “linha branca” (Tadvald, 2007). Como no caso do terreiro XV de novembro, que não realiza corte de animais. Afirmar que a Umbanda não realiza sacralização animal é questionável, e não se deve tomar este fato como dado: como informei sobre o breve histórico da Umbanda no Brasil, há várias vertentes desta religião que conseqüentemente alteraram algumas ritualísticas e acrescentaram dogmas e práticas de outras religiões ao longo do tempo (Silva, 2024).

O sacrifício não é um abate apenas para obter carne animal, pois ele tem um significado religioso, no qual se busca produzir uma ligação com o sagrado. Nessas religiões, ele acontece em rituais excepcionais, nos quais a relação de animais a serem sacrificados varia de acordo com o Orixá ou entidade ao qual se dirige a oferenda (Leite, 2013, p.171). Cada entidade terá uma espécie de animal específico para ser sacrificado e suas especificidades, como sexo do animal, cor da pelagem e cor das penas, por exemplo: no terreiro Ilê Alaketu Asé Osun Ominwura o sacrifício de animais é composto pela imolação de pombos, galinhas, galinhas d'angola, frangos e caramujos; as galinhas e os frangos precisam ser obrigatoriamente brancos, pois é a cor de Oxalá, e, de acordo com a ritualística deste terreiro específico, não se utiliza de animais de cores escuras de forma alguma. No terreiro Tenda caboclo sete flechas a utilização do animal também são separadas por objetivos religiosos: as galinhas são destinadas à linha cosmológica feminina de pomba-gira, os galos para as linhas masculinas de exu catiço, já carne bovina para ambas as linhas:

O objeto do sacrifício, que é sempre um animal, muda conforme o deus ao qual é oferecido: trata-se, conforme a terminologia tradicional, ora de um "animal de duas patas", ora de um "animal de quatro patas", isto é, galinha, pombo, bode, carneiro etc. O sexo do animal sacrificado deve ser o mesmo da divindade que recebe o sangue derramado (Bastide, 1961).

Dentro das religiões de matriz africana no Brasil, o animal passa por um processo de cuidado e tratamento fundamentado na comunicação entre seres humanos e as divindades, marcado pelo profundo respeito pelo animal sagrado, pois este não pode sofrer ou passar por uma morte demorada, deve aceitar o seu sacrifício, para isso havendo todo um processo de preparação do animal, que precisa ser alimentado e ter água à sua disposição, pois não pode morrer com fome ou sede. Neste processo, também há uma pessoa responsável por realizar o ato, denominada mão de faca, no Candomblé esse cargo é do Ogã Axogum, na Umbanda deve ser realizado pelo pai ou mãe de santo, que, antes de tudo, deve ter a capacidade e o conhecimento para efetuá-lo da forma mais responsável possível, através de um corte na garganta do animal, feito de forma rápida e precisa com a utilização de uma faca destinada para isso (*Obé* – faca sacrificial) para que, através do sacrifício, o animal seja entregue para o Orixá ou entidade de forma limpa, sem passar por sofrimento. Quando um sacerdote imola um animal, ele não está matando-o, mas “entregando uma oferenda ao sagrado”. Antes do animal ser sacrificado, ele entra em transe, de modo que, quando é imolado, o animal não agoniza gritando: é como se ele soubesse e aceitasse que aquele era seu destino (Robert, 2008, p.2-3). Antes do ato é feita uma reza e são cantadas cantigas destinadas ao animal. De acordo com a mãe de santo do terreiro Ilê Alaketu Asé Osun Ominwura, “tudo é feito de forma bem rápida de acordo com a tradição da religião, para evitar o sofrimento, diferente de muita gente que mata de qualquer jeito em qualquer lugar, como por exemplo a indústria”

No ritual da sacralização não é somente a questão da carne em si que é importante, mas também a troca de energia que ela proporciona: o animal consegue possibilitar essa troca graças ao seu sangue e sua carne. O seu sangue é de extrema importância pois ele está ligado à concepção, à fertilidade, ao nascimento e a todas as outras etapas da vida. Ligado diretamente com a ancestralidade tendo em si uma energia muito forte (Pai Cido de Òsun Eyin; Eugênio, 2000, p.276). O sangue nesses rituais tem papel fundamental, pois, de acordo com o pai de santo do terreiro Tenda caboclo sete flechas, o sangue é usado como “combustível do astral”, sendo oferecido como forma simbólica de trazer vitalidade e força. O significante “sangue animal” liga-se à cor vermelha e ao “fogo” próprios dos exus, sendo também um elemento de ligação entre os mundos carnal e espiritual (Slenes, 2011). É através da carne animal que se consegue o sangue, que é fundamental, sendo uma espécie de “fonte de vida” que permite a comunicação das pessoas com as divindades da religião; é a ligação direta com as energias cosmológicas, colaborando para que as pessoas consigam alcançar o *axé*. O sangue, para “povo de santo”, é sinônimo de vida, perigo, troca, poder, saúde, fertilidade,

doença... Tudo irá depender do contexto, da fonte e da forma como se encontra este fluido orgânico (Gama, 2009, p.50).

De acordo com a *Ialorixá* do terreiro Ilê Alaketu Asé Osun Ominwura, o sangue do animal que passa pela *sacralização* é composto por um tipo de energia vital, e essa energia vital permite atingir a troca de energias ancestrais, que só é possível porque o animal contém mais força vital que as plantas. O sangue animal é o líquido que mais se assemelha ao do ser humano, por ambos os seres possuírem vida correndo em suas veias, e essa semelhança faz com que o animal seja mais eficiente que folhas ou plantas para atingir a troca de energia ancestrais. Dado isto, o sangue em si é configurado como uma parte material, visível e palpável da força vital da natureza, mas ele sendo de origem animal ou não. Elementos como o sangue são constituídos de *axé*, pois recebem neles a constituição da força vital da natureza, desde sua criação; a carne segue o mesmo princípio:

Quando Olorum criou os quatros princípios básicos da natureza: o fogo, a água, o ar e a terra e soprou neles o seu ofurufú -o hálito sagrado -, estava distribuindo no universo o seu poder. Este poder é *axé*, que se movimenta em todas as direções! [...] O *axé* circula na nossa vida, no nosso sangue, na terra que permite o nascimento e crescimento das plantas, nas ervas, nas frutas, nos alimentos litúrgicos, nos objetos da casa de candomblé e na vida das pessoas. (Barros, 2009, p.46).

Nos três terreiros há o uso de carne comprada que não passou pelo processo de sacralização, o critério de compra desta carne e seu significado são muito parecidos: a carne é utilizada para montar o prato de cada deidade que ela simboliza, e a resposta que recebi de acordo com sua substituição é que nas três casas o elemento da carne nos pratos pode ser totalmente adaptado por outros elementos que também simbolizem a deidade em questão. Porém, de acordo com Ana Carolina, mãe pequena do terreiro Tenda Cabloco sete flechas, de umbanda traçada, são importante antes da compra da carne levar em consideração qual foi o processo pelo qual o animal passou para se tornar aquela carne. Um animal que morreu em sofrimento não faz bem a ninguém (Pai Cido de Òsun Eyin; Eugênio, 2000, p.276). A carne de um ser que passou por maus tratos em vida, um animal que passou por sofrimento, carrega um tipo de energia que não é interessante nos rituais ou oferendas; por isso, de acordo com a mãe pequena Ana Carolina “Muitas vezes quando vai comprar a carne não se sabe a procedência do abate, não se sabe se o lugar é idôneo para a criação do animal, por isso é melhor fazer por exemplo um padê (farofa) sem carne do que um padê com carne que passou por maus tratos.” O animal que vira alimento ajuda na dinâmica de solidariedade entre as pessoas e deidades envolvidos no ritual, todos devem comer e receber o *axé*. O fato de

compartilhar e consumir a mesma comida é comum dentro do candomblé e é de fundamental importância (Britto, Lima, 2019). O *Ajeum* (comer junto), renova e fortifica os laços sagrados que unem as deidades e os seres humanos (Lody, 2012). A comida funciona como conexão dessa aliança divina.

Dentro da classificação dos animais nos terreiros, existem diversas características que interferem em sua escolha, sendo, entre elas, a ligação de cada animal com suas entidades/deidades específicas, a aparência e saúde do animal – sendo proibida a *sacralização* de animais doentes ou machucados –, os animais que são quzilados (proibidos) para determinados fins, entre outras. Toda essa hierarquia faz parte de um sistema de classificações que organiza esses animais em termos de “bons para comer” (Harris, 1976), “bons para pensar” (Lévi-Strauss, 1983) ou “bons para proibir” (Tambiah, 1969), organizando e possibilitando manter uma relação satisfatória e apropriada entre humanos-deidades e humanos-animais.

Os animais nas religiões de matriz africana não são somente criaturas vivas e sim seres dotados de significados e simbolismo espirituais complexos para a religião, eles são considerados mensageiros divinos e contêm qualidades e poderes específicos. Por exemplo, o búfalo para Iansã, que simboliza a força de trabalho, resistência, atrevimento e coragem, assim como é Iansã. Esses animais carregam seu simbolismo baseado em *itãs* de histórias da criação e origem do mundo e a relação entre os seres humanos e o divino, e podem representar, dentro das cosmologias africanas, ensinamentos específicos de acordo com cada animal. Quando se obtém um animal, seja para *sacralização* ou para compor uma casa de *axé*, ele deve ser cuidado como se fosse um ser divino, pois de certa forma ele o é, pois, carrega em si a energia do *axé*.

O animal nesses terreiros não é visto apenas como uma mercadoria com intuito de satisfazer a necessidades mundanas. A figura do animal vivo não é ocultada ou escondida, ela é encarada e observada por todos que compõem essa ritualística; sendo assim, quando o animal é *sacralizado*, a sua forma natural não lhe é retirada e eles não são consumidos de maneira que sejam desassociados da sua própria natureza, sendo na realidade aquilo que eles são, não tendo nada ocultado. Essa é a importância do ritual, encarar o animal como realmente um animal, um ser vivo, um ser da natureza contemplado pelo *axé*, e ocultar essa identidade também seria igualmente ocultar essa realidade sagrada. Essas sensibilidades e esse distanciamento não produzem apenas pessoas vegetarianas e veganas, mas sim a nova

sociedade contemporânea, pois esta torna as pessoas cada vez mais distantes da realidade por detrás do ato de comer um animal e do processo que o animal teve que passar para estar no prato. Por isso, é esperado que poucas pessoas cheguem em um terreiro e não se surpreendam com a *sacralização*, pois a própria convivência na sociedade contemporânea leva a maioria das pessoas a não ter essas vivências com animais vivos, o que pode ser um obstáculo nas *sacralizações*. Lucas, médium do terreiro Tenda caboclo sete flechas, afirmou que não irá fazer cortes, não por achar uma crueldade – pois ele conhece todos os processos e já ajudou em outros cortes, afirmando que o animal é respeitado, não sofre em nenhum momento do ritual e no final é consumido –, mas argumentando que particularmente partilha de uma sensibilidade que faz com que ele não tenha interesse em passar por essa experiência.

Essa sensibilidade faz com que as pessoas desenvolvam um sentimento de dó ou pena durante a ritualística, e esse sentimento, de acordo com a *Ialorixá* da casa Ilê Alaketu Asé Osun Ominwura, atrapalha o ato de *copár* (sacrificar) e a energia do momento, pois traz sofrimento para o *assunto* (animal). traz problemas para o fundamento, pois a passagem do animal tem que ser indolor. Nesse instante, se o animal absorve essa energia oriunda da pena sentida por alguém, fica agitado, grita ou demonstra sofrimento, o fundamento tem que ser interrompido no mesmo instante, pois é sinal de que o animal não está indo em paz, pois tudo se trata de uma questão de respeito ao animal.

Adicionado a isso, podemos entender que essas modificações em relação ao bem-estar animal vêm trazendo cada vez mais reflexões em relação ao uso do animal e consequentemente adaptações que permitam as práticas sem a utilização da carne. Por mais que grande parte das pessoas que defendem o bem-estar animal concordem com a utilização dos animais em *sacralizações* religiosas, por entenderem a diferença entre a indústria carnívora que mata milhões de animais e o sacrifício religioso, muitas se recusam a passar pelo ritual ou a consumir carne; logo, essas discussões adentram cada vez mais os terreiros, que procuram adaptações ou formas de acolher fies vegetarianos/veganos. Quando se trata da opinião sobre não utilização do animal especificamente no candomblé, encontra-se o famoso babalawó Agenor Miranda Rocha, nascido em 08 de setembro de 1907, em Luanda, Angola, iniciado aos 5 anos em Salvador, sendo talvez o primeiro pai de santo a manifestar sua opinião a favor de um candomblé sem sangue animal. O fato dele, no auge de sua velhice, ter defendido publicamente a abolição do sacrifício de animais e sua substituição por folhas, criou uma grande repercussão entre o povo de terreiro, pois de acordo com as tradições

sagradas, não se pode contestar as palavras de um ancião, como ele próprio já havia afirmado (Araujo, 2019 p.78). O professor Agenor, em suas falas em um documentário *Um vento sagrado*, de 2001, afirma:

Todo mundo sabe que eu não sou um admirador de matança. Eu sou das folhas. Eu tiro as folhas, mas não mato a arvore. Depois, os animais, quando se mata tira-se uma vida. E como eu tenho os orixás como fragmentos da natureza, eu acho que isso é dispensável pois a própria natureza se alimenta. Né verdade? Agora eu condenar quem mata? Não. Eu que não mato. A carteira de identidade é intransferível. Então, a minha é não matar. A do outro pode matar, não tenho nada com isso (Um vento sagrado, 2001. 22'57" a 23'43").

Esse tipo de posição a favor de terreiros que não utilizam o corte de animais se tornou cada vez mais comum, um desses exemplos sendo da *Ialorixá* Iya Senzaruban, vegetariana há 25 anos e mãe de santo do terreiro “Ilê Iya Tunde” há 50 anos, e que pratica um tipo de candomblé sem corte. Em sua vida como mãe de santo acabou descobrindo uma forma para substituir, em sua alimentação e nos rituais, os animais e ingredientes de origem animal (Iya Senzaruban, 2010). De acordo com ela, demorou muitos anos para conseguir encaixar o candomblé com o vegetarianismo, porém afirma ser possível fazer as adaptações, tanto nas comidas destinadas aos santos, como também remover o sacrifício animal de vez da religião:

A proposta do candomblé sem corte/sangue é fazer de uma outra forma, sem prejudicar o tipo de energia que a gente trabalha, sem mudar muito. As mudanças são muito poucas. Não são eliminados os elementos da natureza, que é o que o candomblé trabalha, as forças da natureza, as mudanças que vão desde a comida de santo, que não usa nem camarão ou ovo, nada de origem animal (Iya Senzaruban, 2010).

Sendo assim, o animal é uma importante e muito usada oferenda aos Orixás, porém também existem outros tipos de oferenda às divindades, compostas por flores e frutos, havendo igualmente outros meios de descarregar uma pessoa (Robert, 2008, p.2). Pois a *sacralização* é uma forma de trazer energia, mas não é a única. A *Ialorixá* do terreiro Ilê Alaketu Asé Osun Ominwura fala: “Mas não é somente ele (o animal) que traz energia, bater

palmas, macerar folhas e tomar banhos de ervas, tudo isso traz energias benéficas”; o pai de santo do Templo XV de novembro também afirmou: “É o elemento que você vai dar para a entidade que ela vai trabalhar, manipular e transformar em energia em nosso benefício”. Esses métodos, além de já serem parte dessas religiões, são utilizados por pessoas que não concordam ou não querem fazer a utilização do animal, são mudanças e adaptações que criam uma forma de levar a religião e abrir espaço para novas pessoas e para as novas sensibilidades em relação aos animais do século XXI. Daiane Abiã, deste mesmo terreiro, opinou sobre essas mudanças dizendo:

“Tudo do candomblé veio de muitos anos atrás através da ancestralidade e de modo verbal, um passava para o outro através da fala, quando se deixa de fazer um fundamento da forma que ele é, vai se perdendo a cultura, não é questão de eficácia e sim de cultura, tradição, ancestralidade, por isso é inimaginável essa mudança do candomblé que segue as raízes, mas em sua pratica se a pessoa não quiser usar a carne, isso vai depender do orixá , pois ele é muito benevolente e entende os motivos e opiniões de cada um.”

Este comentário traz à tona a divergência entre tradição e prática: em uma tradição como a do candomblé, o sacrifício religioso é um dos seus pilares, porém, isso não quer dizer que não haja outras maneiras de se praticar, pois existem limitações e particularidades em cada ser humano, e isso é totalmente compreendido pelas entidades e Orixás. O relato de Lucas, médium do Tenda caboclo sete flechas, desenha muito bem essa relação de compreensão por parte das entidades: ele é médium há cinco anos e, durante sua passagem na religião, ele disse que já tentou fazer o corte para sua Pomba-gira em um outro terreiro, chegou a comprar os materiais de que necessitava e a combinar o dia e o processo da *sacralização* com a mãe de santo da sua ex-casa de *axé*; porém percebeu que o combinado nunca dava certo, o que fez com que ele atentasse aos sinais. Após isso, ele conversou com sua entidade antes de dormir e pediu uma provação, que se desse errado uma última vez não era para ser feito. Dito e feito: após isso continuou dando errado e, de acordo com Lucas, a sua própria pomba-gira percebeu e entendeu que ele não estava genuinamente disposto a passar pelo ritual, que a vontade dele era puramente pressão que sua antiga casa de umbanda colocava para que ele realizasse o corte, embora ele não quisesse. De acordo com ele, nessa nova casa de umbanda, quando conversando com a pomba-gira da mãe de santo, denominada como Rosa Caveira, ela perguntou para ele se ele queria fazer o corte, e ele afirmou que não gostaria de fazer e, após isso, ela simplesmente disse que não faria mal não passar pelo ritual, que se ele não quisesse não precisava. Ou seja, de acordo com esse relato as entidades vão olhar dentro dos médiuns e ver o que eles querem, e dificilmente a entidade de uma pessoa vai

fazê-la passar ou fazer algo que ela não queira. Ele também completou: “nesta casa o *padê* puro sem qualquer tipo de animal pode substituir um corte, caso o médium tenha essa necessidade, mesmo normalmente sendo utilizado o sacrifício animal.”

Não somente os pais e mães de santo pensam sobre essa questão como, de acordo com Denise, vegetariana e *Iaô* do terreiro Ilê Alaketu Asé Osun Ominwura, os próprios Orixás e entidades se importam com os médiuns que chegam às casas, respeitando profundamente suas escolhas e caminhos. Normalmente a mãe de santo retira Denise do local quando vai haver o derramamento de *ejé* (sangue), pois Denise tem sensibilidade em relação a este; mas em todas as vezes que ela teve que passar pela *sacralização*, seja na *feitura* ou pelo *borí* (tipos de ritualísticas), a própria Orixá Iemanjá incorporava nela, fazendo com que ela não conseguisse enxergar ou estar presente de forma consciente no ritual. Para ela isso também é uma forma do Orixá preservá-la, ajudá-la e respeitá-la, é uma forma de cuidado que Iemanjá tem com corpo de Denise quando ocorre a *sacralização*, pois a entidade caminha junto com o médium e vai respeitar suas escolhas pessoais e sua individualidade da mesma forma que o médium respeita o Orixá; no caso de Denise, passar pelo ritual, tendo o entendimento de sua sensibilidade, pela qual Iemanjá é benevolente o suficiente para fazer com que ela não veja o que acontece.

Mesmo sendo vegetariana Denise disse que quando adentrou no terreiro sabia que era utilizado o animal e sempre entendeu o motivo por trás de sua utilização, fazendo com que ela não veja problema neste caso, pois a quantidade de animais que são *sacralizados* nos terreiros é muito inferior à quantidade abatida nas indústrias, sem falar que os que passam pelo terreiros são criados livres, soltos; logo, “o problema maior que temos no momento é a indústria que mata animais desenfreadamente, milhares de animais que sofrem maus-tratos em frigoríficos e o consumo desenfreado de carne em massa, coisa que não acontece nos terreiros”. A mãe de santo sempre teve um cuidado em respeitar a escolha de Denise, entendendo que é uma escolha individual que deve ser respeitada. Por fim, ela afirma que tendo carne ou não, um terreiro vai continuar se movimentando, ele não vai parar de existir, ele é composto por fundamentos que levam a carne e a *sacralização*, mas isso não é o essencial, o terreiro é algo muito maior que somente o uso da carne. Por isso diversas pessoas podem adentrar na religião, sendo respeitadas de acordo com suas escolhas individuais, pois os pais e mães de santo, junto com as entidades, na maioria das vezes vão buscar formas de entender e acolher diferentes pessoas, procurando diferentes adaptações e entendendo as críticas que são expostas.

Sabemos que grande parte da ritualística nas religiões de matriz africana no Brasil se dá não só na importância da *sacralização* e da utilização do sangue, mas também referentes à gastronomia e ao ato de comer, comer uma comida que contém o *axé* faz com que, neste ato, você ingira também o *axé*. O *axé* é aquilo que é carregado de boas energias e boas vibrações, aquilo que passa pelas rezas e pelos procedimentos religiosos; logo o ato de comer as comidas que passaram por esses procedimentos também é o ato de comer *axé*, come-se para se fortalecer, para fortalecer o corpo e a espiritualidade. De acordo com Lody, o intuito da carne do animal sacrificado é virar comida, pois alimenta os seres humanos e as entidades, e através disso que os vínculos são estabelecidos, laços de comunhão e sociabilidade são fortalecidos. No terreiro se alimenta o corpo e a alma, come-se além da boca: Comer além da boca é uma ampliação sobre o conceito de comer nas religiões afro-brasileiras. Tudo está na permanente lembrança e ação de que tudo come. Come o chão, come a cumeeira, come a porta, come o portão, comem os assentamentos, árvores; enfim, comer é contatar e estabelecer vínculos fundamentais com a existência da vida, do *axé*, dos princípios ancestrais e religiosos do terreiro (Lody, 2012, p. 27).

Cada Orixá possui uma referência gastronômica. Seus respectivos pratos são produzidos de acordo com o gosto de cada uma das divindades, os temperos, as quantidades, as formas de servir, os utensílios empregados nos preparos. Tudo varia segundo os desejos e os tabus relativos à cada Orixá, sendo inclusive perguntado a eles, através de jogos adivinhatório, se a comida foi do seu agrado (Gama, 2009. P.52). Ou seja, de acordo com Roger Bastide (1961), em seu livro *O candomblé na Bahia*, os Orixás não são finos e gourmets, mas eles sabem apreciar o que é bom e, como o comum dos mortais, não comem de tudo, ou seja, a comida tem um papel fundamental e revela a ligação dos homens e dos Deuses.

De acordo com Denise as entidades também caminham ao lado da pessoa, o respeito entre os médiuns e a entidade é mútuo, assim como uma pessoa se abstém de oferecer um alimento que a entidade tem *quizila* (aversão), a entidade também não vai fazer com que ela coloque algo que não quer no prato, porque ambos vão receber *axé*. No terreiro XV de novembro não ocorre a *sacralização* de animais, porém o uso da carne ainda é muito comum nos pratos oferecidos para as entidades da casa e para o consumo dos médiuns e visitantes; por isso o pai de santo afirma que esse critério de comer alimentos que contém carne é totalmente substituível, muitas vezes porque a carne nos pratos que

serão ingeridos também é adicionada por questão de gosto pessoal de cada um que vai comer. Logo, a comida é uma via de mão dupla, principalmente quando os médiuns e visitantes também vão comer, pois é importante os dois lados ficarem satisfeitos, a entidade e o médium. O pai de santo afirma que quando há pessoas vegetarianas, nesses casos específicos, elas fazem sua própria farofa ou feijoada sem o uso da carne, e podem também utilizar frutas, ervas e outros tipos de temperos naturais de seu gosto, para a substituição da carne.

Através da catalogação e classificação dos alimentos de origem animal e seus substitutos em minha pesquisa pode-se vislumbrar algumas lógicas classificatórias (Lévi-Strauss, 1997) presentes nos terreiros, entendendo quais alimentos vegetais podem substituir aqueles de origem animal e, assim, descortinar os processos de debate e reflexão que colocam, frente a frente, as religiões de matriz africana e os movimentos veganos/vegetarianos. Baseado nisso, achei três lógicas classificatórias: a primeira é a adaptação de acordo com o gosto particular de cada entidade; a segunda é adaptar aquele elemento exatamente com outro que carregue o mesmo significado espiritual, ou seja, o que vai ajudar a atingir o mesmo objetivo religioso; e a terceira é a lógica do que não deve ser adaptado, ou seja, aqueles elementos que não devem ser usados de jeito nenhum para cada entidade específica, sendo as chamadas *quizilas*. Vale a pena apontar também que, dentro desses três critérios, existe a coisa mais importante que rege todas essas categorias de acordo com minha pesquisa de campo, e esse critério é a fé e a coração, pois são estes que irão, afinal, dizer se a adaptação vai funcionar ou não.

De acordo com o terreiro Tenda caboclo sete flechas, há formas de substituir e adaptar todos os processos que usam carne animal, pois comidas de origem vegetal também trazem um “combustível astral” que é considerado uma espécie de sangue verde do reino vegetal, e que são utilizadas em rituais e defumações (Ramos, 2011). Essa substituição tem que acontecer entre duas coisas que simbolizam a entidade que será cultuada, ou seja, um elemento de que ela goste: no caso da Pomba-gira, a galinha pode ser substituída por ameixas em conserva, flores e frutas cristalizadas, pois essas coisas representam as Pombas-giras; já para o prato de Ogum Xoroque, por exemplo, em que vai carne, pode-se, no lugar da carne, colocar-se inhame, folha de café, azeite, pimenta e batata-doce, pois estes também são elementos de Ogum. No caso de Lucas, como ele não queria passar pelo processo de corte para sua pomba-gira, ele decidiu fazer uma outra oferenda, onde se encontrava o *padê* com

uma maçã, e não foi utilizado a carne. Ele afirmou que a maçã, ou até mesmo uma flor, pode substituir a carne do corte, pois da mesma forma que a carne traz a força principal no prato, a maçã e a flor vão igualmente trazê-la, porque as duas representam o vínculo com a pombagira, significando amor, sedução, e são duas coisas que ela gosta de receber. O importante na hora da adaptação é relembrar o gosto particular de cada entidade para quem está sendo oferecido o alimento, por isso é importante perguntar para a entidade como pode ser feita a substituição da melhor forma possível, pois, de acordo com Carol: “Se a oferenda é um agrado, é importante utilizar elementos que a entidade aprecia, pois da mesma forma que todos os humanos não usufruem do mesmo paladar e das mesmas preferências alimentares, assim se passa com as entidades”.

A segunda forma de adaptação é sempre prestar atenção no significado espiritual de cada elemento que será usado nos trabalhos. Um exemplo dado por Carol, filha de santo do terreiro Caboclo sete flechas, é que se você quer fazer um trabalho de quebra-demanda, o certo é você substituir o elemento carne por elementos que ajudem com o objetivo de quebrar demandas, ou seja, você pode utilizar, um *padê* (farofa) com pimenta, sal grosso, limão, ou utilizar dos elementos como pó de ferro e a erva abre-caminho. Todos esses elementos podem ser substitutos para a carne, pois, além de trazer uma energia principal no prato, são elementos utilizados como quebra-demanda.

No fundamento do terreiro Templo XV de novembro não há nenhuma forma de sacrifício animal, pois se considera que essa prática não é necessária, porque, da mesma forma que o sangue e o sacrifício são usados como combustível e objeto compostos de energia vital em outras religiões, nesta, em específico, esse combustível vital pode ser retirado das frutas, das ervas e de outros ingredientes vegetais. Dessa forma eles podem usufruir da energia da natureza através de um preparo considerado “natural”, sem o uso do animal vivo, por exemplo, de acordo com pai de santo do terreiro XV de novembro: “Ao invés de fazer um corte para limpeza eu posso usar da erva arruda, que também tem propriedades de limpeza e contém o sangue verde”.

A terceira forma de adaptação é aquilo que não se deve adaptar, que é basicamente não oferecer aqueles alimentos ou elementos que a deidade não gosta ou pelos quais tem aversão. Denominados como *quizila*, aparecem através dos *itãs* (mitos) e dos fundamentos da casa e devem ser respeitados, pois não faz sentido dar algo ao que a entidade tem aversão, alguns exemplos são: *Quizila* de Oxalá com o elemento cachaça, Oxalá foi encarregado pela

construção do mundo (terra), porém Exu teve inveja e o embriagou com *marafó* (cachaça) para que Oxalá não cumprisse sua tarefa, por conta disso até os dias atuais não se coloca cachaça para Oxalá.

Mesmo com os exemplos dentro da lógica classificatória que encontrei, o pai de santo do terreiro XV de novembro afirma que o importante é a intenção, que mesmo que uma escolha de adaptação eventualmente desrespeite as três lógicas de classificação que venho apresentando aqui, que você substitua algo por outra coisa que não simbolize exatamente a entidade, o ritual pode funcionar – por exemplo a farofa de coco, que não simboliza o marinheiro, mas que pode ser oferecida a ele: muitas vezes, em giras de baianos, o marinheiro acaba vindo, e ao cumprimentá-lo e se oferecer a farofa para ele, como forma de agradecimento, ele também come, pois a gratidão também é energia, ela é colocada no prato, e esse sim é o elemento principal dos alimentos entregues as deidades. Ou seja, você pode dar um prato complexo e totalmente conforme os critérios tradicionais, ou uma vela e um copo d'água: os dois, com a gratidão e intenção, serão igualmente recebidos, pois os dois terão o mesmo ingrediente, a fé.

O pai de santo do terreiro XV de novembro, também concorda que a comida é um agrado à ancestralidade da entidade, pois elas também têm suas preferências; por isso, se possível, é importante dar o que ela goste e uma coisa boa, não dar qualquer coisa, a coisa mais barata, ou o pior, mas dar algo bom, como se estivesse presenteando uma pessoa querida, pois aquela entidade também é querida e vai entender os limites e as opiniões de cada pessoa. A *Ialorixá* do terreiro Ilê Alaketu Asé Osun Ominwura também concorda com a intenção da fé, e completa: “Não importa se é um bode ou um pão, sua fé dirá o resultado de suas preces”; e logo após ela conclui: “Todas as oferendas são adaptáveis, dá para adaptar com folhas, flores, pois o que vale é o coração, e o que faz uma entidade aceitar ou não é o coração bom ou o coração ruim de quem fez a entrega.” Ou seja, a ligação entre a pessoa que está pedindo algo e o Orixá sempre será regida pela fé e pelas intenções que serão incorporadas no trabalho, lembrando que a oferenda e ser um *Iaô* (filho de santo) desse terreiro difere de você passar pelo ritual de iniciação (feitura) ou não, ritual que não pode ser adaptado nesse terreiro específico.

Por fim, os pais de santo da casa Tenda caboclo sete flechas dizem que, na maioria das vezes, são as pessoas vegetarianas que precisam se adaptar à casa que irão frequentar, porém alguns terreiros, como esse em específico, abrem lugar para adaptações e substituições, e

essas modificações, antes de serem colocadas em prática, precisam primeiramente ser desenvolvidas pelos pais e mães de santo no local e também pelas entidades chefes da casa, pois todos os princípios e regras são passadas através do crivo dessas entidades. Esse pedido da não utilização de carne será passado para a entidade de frente do terreiro, que irá decidir quais substituições podem ser feitas. Há, deste modo, um intenso processo de reflexão e de intercâmbio entre humanos e divindades interessados no processo de acolhimento daqueles e daquelas que desejam frequentar o terreiro, mas se abstêm do consumo de carne e produtos de origem

#### **4. Conclusão**

A carne e o sangue são elementos compostos de *axé* (força) que permitem a ligação com os seres e com a natureza e nosso planeta Terra, é a parte material da força vital do espiritual. Logo, quando utilizamos da carne ou do sangue de animais em rituais, também está se utilizando do *axé*, está-se trazendo *axé* ao terreiro e para as pessoas e deidades ali presentes. A carne vai seguir o mesmo princípio: usada em pratos para Orixás e entidades, ela é consumida pelos médiuns e visitantes da casa com intenção da disseminação do *axé*.

Sendo assim, o animal e a carne é uma importante e muito usada oferenda aos Orixás, porém também existem outros tipos de oferenda às divindades, compostas por elementos de origem não a animal. Esses métodos, além de já serem parte dessas religiões, são utilizados por pessoas que não concordam ou não querem fazer a utilização do animal, são mudanças e adaptações que criam uma forma de levar a religião e abrir espaço para novas pessoas e para as novas sensibilidades em relação aos animais do século XXI.

A partir da análise do significado da carne/sangue e da *sacralização* conclua-se que dentro dos pratos e ritualísticas desses três terreiros foram encontradas três categorias de adaptação da carne/sangue. Entre elas a primeira sendo a adaptação por outro elemento que também simbolize a entidade a qual está cultuando. A segunda onde a carne e sangue pode ser trocada por outro elemento que signifique o mesmo objetivo espiritual que você deseja atingir. E a terceira como regra de apenas não sendo permitido a substituição da carne/sangue por elementos *quizilados*. Lembrando que em todos os terreiros a resposta principal em relação a adaptação foi que o ingrediente principal sempre será a fé, sendo muito maior que qualquer outra simbologia.

## Referencias

- ARAÚJO, Patrício Carneiro. *CANDONBLÉ SEM SANGUE? pensamento ecológico contemporâneo e transformações rituais nas religiões afro-brasileiras*. 1. ed. Curitiba: Appris editora, 2019.
- AZEVEDO, Janaína Leite de. *Os alimentos sagrados*. In: BERNI, Rodrigo; GARRIDO, Bibiana; MOIA, Marina. Comer com os deuses: a alimentação na religião do Candomblé. REPÓRTER UNESP, 3 jul. 2015. Disponível em: <https://reporterunesp.faac.unesp.br/2015/07/03/comer-com-os-deuses-a-alimentacao-na-religiao-do-candomble/>. Acesso em: 20 abr. 2023.
- BARROS, Marcelo. *O candomblé bem explicado: Nações Bantu, Iorubá e Fon*. Rio de Janeiro: PALLAS, 2009.
- BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. São Paulo: Pioneira, 1971
- BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia: Rito nagô*. São Paulo: Editora S.A, 1961. v. 313.
- BRITTO, C. C., & LIMA, K. J. M. de. (2019). *Sacrifício ritual nas religiões afro-brasileiras: reflexões sobre patrimonialização, memória e anarquívamento*. *Informação & Informação*, 24(3), 433–451. <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2019v24n3p433>
- CORRÊA, F. B.; OLIVEIRA, M. C. *Sacralização e alimentação: uma reflexão sobre a RE 494601 e as religiões de matriz africana*. *Revista Mangút: Conexões Gastronômicas*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 124-142, jun. 2021.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo: Ensaio sobre a noção de poluição e tabu*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- GAMA, Ligia Barros. *KOSI EJÉ KOSI ORIXÁ: simbolismo e representações do sangue no candomblé*. Recife/PE: [s. n.], 2009.
- GOLDMAN, Marcio. “*QUINHENTOS ANOS DE CONTATO*”: POR UMA TEORIA ETNOGRÁFICA DA (CONTRA)MESTIÇAGEM. [s. l.], p. 641-659, 2015.
- HARRIS, M. *Lévi-Strauss et la palourde: réponse à la Conference Gildersleeve de 1972*. *L'Homme*, Paris, v. 16, n. 2-3, p. 5-22, 1976.
- IYA SENZARUBAN, *Candomblé Vegetariano: Mais uma entrevista de Iya Senzaruban*. Ileyatunde, 28 nov. 2010. Disponível em: <https://ileyatunde.blogspot.com/>. Acesso em: 4 maio 2023.
- JUNIOR, Ademir Barbosa. *O CORTE: provocações sobre o abate religioso*. São Paulo: Pluralidades, 2020.
- KIRKSEY, Eben; HELMREICH, Stefan. Tactics of multispecies ethnography. *The multispeciesalon*, p. 1-24, 2014

LEITE, Fabio Carvalho. *A liberdade de crença e o sacrifício de animais em cultos religiosos*. Veredas do direito, v. 10, n. 20, p. 163-177, julho-dezembro. 2013.

LÉVI-STRAUSS, C. *Estruturalismo e ecologia*. In: LÉVI-STRAUSS, C. *O olhar distanciado* Lisboa: Edições 70, 1983.

LÉVIS-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papyrus. 1997

LODY, Raul. *Santo também come*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

PAI CIDO DE ÒSUN EYIN; EUGÊNIO, Rodnei William. *CANDOMBLÉ: A panela do segredo*. São Paulo: Mandarim, 2000.

RAMOS, J. D. *A (cosmo)lógica das relações humano-animais nas religiões afro-brasileiras*. ILUMINURAS, Porto Alegre, v. 17, n. 42, 2016. DOI: 10.22456/1984-1191.69983. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/69983>

ROBERT, Yannick Yves Andrade. *Sacrifício de animais em rituais de religiões de matriz africanas*. Relatório de Iniciação Científica, Departamento de Direito – PUC-Rio, 2008.

SILVA, Julia Aparecida Rodrigues da. “*ÒRÌSÀ ÑJE, ILÉ ASÉ ÑJE- OS ORIXÁS COMEM, O TERREIRO COME*”: uma etnografia da sacralização de animais em um terreiro de Umbanda Traçada. Dissertação [mestrado], Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social. Orientação de Dr. Felipe F. Vander Velden, UFSCar- Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP. 2024.

SLENES, Robert. *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2011.

SPADA, Leyla; SANTO, Amanda; SCHWABE, Gustavo. *Candomblé e comida, uma relação inseparável*. [S. l.]: Comida com História, 29 abr. 2020. Disponível em: <https://comidacomhistoria.com.br/candomble-e-comida-uma-relacao-inseparavel/>. Acesso em: 24 abr. 2023.

TADVALD, Marcelo. *DIREITO LITÚRGICO, DIREITO LEGAL: A POLÊMICA EM TORNODO SACRIFÍCIO RITUAL DE ANIMAIS NAS RELIGIÕES AFRO-GAÚCHAS*. Caminhos, Goiânia, v. 5, n. 1, p. 129-147, jan./jun. <http://seer.ucg.br/index.php/caminhos/article/view/443/368>

TAMBIAH, Stanley. *Animals are good to think and good to prohibit*. *Ethnology*, v. 8, n. 4, p. 423-459, 1969.

UM VENTO SAGRADO. Direção de José Walter Lima. Roteiro de Carlos Vasconcelos Dominguez e José Walter Lima. Fotografia de Mario Cravo Neto, 2001. Duração:93min.

VANDER VELDEN, Felipe; SANCHEZ, Gabriel; FANARO, Luisa; MORENO, Sarah; SANTOS, Bruno. *Tudo que respira, conspira*. Introdução ao dossiê Socioanimalidades plurais: animais e humanos nas Ciências Sociais. Florestan, v. 7, p. 06-11, 2019.

## **Carne y “Dendê”: una investigación sobre los animales en las religiones afrobrasileñas y su relación con el vegetarianismo/veganismo en Brasil**

### **Resumen**

Esta investigación explora el significado de la santificación de los animales y el uso de la carne/sangre animal en tres religiones afrobrasileñas (Umbandomblé, Umbanda Sagrada y Candomblé de la nación Ketu) en São José do Rio Pardo, interior de São Paulo. El objetivo de la investigación es indagar si existen prácticas alternativas dentro de estas religiones que eviten el uso de animales y el consumo de carne en los espacios religiosos, catalogando las posibles adaptaciones y significados detrás del uso de carne y animales para entender cómo la carne/sangre/santificación puede ser reemplazada o cómo otros rituales pueden ser adaptados para reunir a los creyentes que no consumen carne o que no aceptan el sacrificio de animales. El objetivo fue encontrar diferencias y similitudes, a través de la investigación etnográfica, entre linajes y fundaciones con respecto a la santificación de los animales, el consumo de carne y su adaptación, teniendo en cuenta las controversias actuales en torno al uso/explotación de animales y el consumo de carne, así como el debate sobre las nuevas sensibilidades hacia los animales.

Palabras clave: religiones afrobrasileñas – animales – santificación – carne – sangre.

## **Meat and “Dendê”: a research of the animals in Afro-Brazilian religions and its relation with Vegetarianism/Veganism in Brazil.**

### **Abstract**

This research explores the significance of the sanctification of animals and the use of animal flesh/blood in three Afro-Brazilian creeds (Umbandomblé, Sacred Umbanda, and Candomblé from the Ketu nation) at São José do Rio Pardo, countryside of São Paulo. The research aims to investigate whether there are alternative practices within these religions that avoid the use of animals and the consumption of meat in religious spaces, cataloging the possible adaptations and meanings behind the use of meat and animals to understand how meat/blood/santification can be replaced or how other rituals can be adapted to gather believers who do not eat meat or who do not accept animal sacrifice. The goal was to find differences and similarities, through ethnographic research, between lineages and foundations regarding the sanctification of animals, meat consumption, and its adaptation, while considering the current controversies surrounding the use/exploitation of animals and the consumption of meat, alongside the debate on the new sensitivities surrounding animals.

Keywords: Afro-Brazilian religions – animals – sanctification – meat – blood.

## **Viande et huile de palme : une étude sur l'animal dans les religions africaines et sa relation avec le végétarisme/véganisme au Brésil.**

### **Résumé**

Cette recherche aborde l'importance de la sacralisation des animaux et de l'utilisation de la viande/sang animal dans trois espaces religieux africains au Brésil (un de l'Umbanda Traçada, un de l'Umbanda Sagrada et un du Candomblé de la nation Ketu) situés dans la ville de São José do Rio Pardo, intérieur de l'État de São Paulo. L'étude vise à rechercher s'il existe des pratiques alternatives pour ces religions, s'abstenir de l'utilisation d'animaux et de la consommation de viande dans les espaces religieux, inventorier les adaptations possibles et les significations derrière l'utilisation de la viande et des animaux, pour comprendre comment la viande/sang/ la sacralisation peut être remplacée ou d'autres rituels adaptés pour rassembler les croyants qui ne mangent pas de viande ou qui n'acceptent pas les sacrifices d'animaux. L'objectif était de trouver des différences et des similitudes, à travers des recherches ethnographiques, entre lignées et fondements en ce qui concerne la

sacralisation des animaux, la consommation de viande et son adaptation, même en tenant compte des controverses actuelles autour de l'utilisation/exploitation des animaux et de la consommation de viande. , ainsi que le débat sur les nouvelles sensibilités autour de l'animal.

Mots-clés : religions d'origine africaine – animaux – sacralisation – chair – sang.